

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SÃO PAULO
CAMPUS AVARÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

ALINE ROSA LOPES MARQUES

**MOTIVAÇÃO PARA APRENDER: COMO A MOTIVAÇÃO
AFETA A APRENDIZAGEM NA ESCOLA**

AVARÉ

2019

ALINE ROSA LOPES MARQUES

**MOTIVAÇÃO PARA APRENDER: COMO A MOTIVAÇÃO
AFETA A APRENDIZAGEM NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - *Campus Avaré*, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof(a).Dr(a). Tamyris Bonilha

AVARÉ

2019



INSTITUTO FEDERAL
São Paulo
Campus Avaré

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Campus Avaré

FOLHA DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

IDENTIFICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)

Nome: Aline Rosa Lopes Marques

Título: 'Motivação para aprender: como a motivação afeta a aprendizagem no ensino de Física'

Curso: Licenciatura em Ciências Biológicas

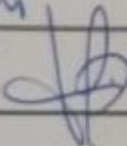
BANCA EXAMINADORA

Nome: Emyris Priscila Buiello Junior

Instituição/Departamento: IFSP - Avaré / Lic. Ciências Biológicas

Nota: 9,74

Julgamento: Aprovado () Reprovado

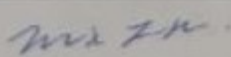
Assinatura: 

Nome: Tarcia Ferraz Fuzzen

Instituição/Departamento: IFSP - Avaré / Lic. Ciências Biológicas

Nota: 9,1

Julgamento: Aprovado () Reprovado

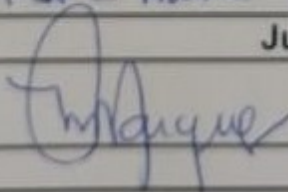
Assinatura: 

Nome: MARIA CRISTINA MARQUES

Instituição/Departamento: IFSP - Avaré / Tecnologia em Agronegócio

Nota: 9,2

Julgamento: Aprovado () Reprovado

Assinatura: 

RESULTADO FINAL

Como parte das exigências para conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, o candidato(a)/aluno(a), em sessão pública, foi considerado aprovado pela Comissão Examinadora, com média final 9,3.

Avaré, 04 de dezembro de 2019.

Catálogo na fonte
Instituto Federal de São Paulo – Campus Avaré
Biblioteca Campus Avaré
Bibliotecária: Anna Karolina Gomes Dias - CRB-8/9563

663.1
O93p

Marques, Aline Rosa Lopes.

Motivação para aprender: como a motivação afeta a aprendizagem na escola./
Aline Rosa Lopes marques. – Avaré, 2019.
28 il..

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Tamyris Bonilha.

Monografia (Graduação – Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Avaré, Avaré,
2019.

1. Motivação. 2. Aprendizagem. 3. Educação. 4. Escola Pública.
I. Bonilha, Tamyris. II. Título.

ALINE ROSA LOPES MARQUES

MOTIVAÇÃO PARA APRENDER: COMO A MOTIVAÇÃO AFETA A APRENDIZAGEM NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - *Campus Avaré*, como requisito parcial a obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Tarsila Ferraz Frezza

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Avaré.

Prof^a. Dr^a Maria Cristina Marques

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Avaré.

Prof^a. Dr^a Tamyris Proença Bonilha

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Avaré.

Avaré, _____ de _____ de 2019.

Serei eternamente grata a Jesus Cristo por toda a força que colocou no meu coração, me ajudando a perseverar e concluir esta etapa de minha vida.

Motivação é a arte de fazer as pessoas fazerem o que você quer que elas façam porque elas o querem fazer.
(Dwight Eisenhower)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que me abençoou desde o começo dessa jornada me mostrando que eu era capaz mesmo quando as circunstâncias me faziam acreditar que não.

Ao meu amado filho Emanuel, meu presente de Deus. Filho você é a luz da minha vida!

Sou grata aos meus pais, Luiz Lopes e Nair Rosa Lopes, pelo incentivo e apoio em todos momentos.

Agradeço de maneira muito especial ao meu esposo Esdras Marques, por ser o meu maior incentivador, e pelas palavras de apoio nos momentos em que mais precisei.

Às minhas amigas de curso Ariani Zaratini e Liliam Outi, por todos os momentos compartilhados nessa graduação, saiba que levarei vocês em meu coração para sempre.

À minha amiga Liliam Marimoto, por ser uma pessoa especial. Saiba que suas palavras de incentivo e o seu otimismo me ajudaram nessa jornada.

À minha querida Orientadora prof.^a Dr.^a Tamyres Bonilha, pela confiança, paciência, ajuda e dedicação voltados à elaboração deste trabalho.

Ao Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Avaré, pela elevada qualidade do ensino oferecido.

Em especial aos meus professores do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, por todas as oportunidades e ensinamentos concedidos ao longo desta caminhada, e pelo enriquecimento que causaram em meu ser.

RESUMO

A ausência da motivação está sendo considerada como o principal fator do fracasso escolar. O esclarecimento dos professores em relação à importância da motivação, bem como a identificação de quais são os fatores que contribuem, de maneira significativa, para o processo motivacional, é essencial para que possam planejar e estruturar suas aulas de forma a tornarem-se mais atrativas e estimulantes, ao mesmo tempo, em que poderão utilizar mecanismos que oportunizem melhor aprendizado. Assim, nesta pesquisa, buscou-se identificar os fatores relacionados à motivação dos alunos do ensino fundamental II, a partir de um estudo realizado em uma escola situada na cidade de Cerqueira César-SP e analisar como a motivação afeta as relações de ensino e de aprendizagem dos mesmos. As metodologias adotadas na pesquisa foram de natureza qualitativa e quantitativa, com aplicação de questionário com perguntas objetivas, buscando identificar os fatores que interferem na motivação para aprender. Verificou-se que na escola pesquisada a maior parte dos alunos é motivada a estudar pelos pais e também pela equipe escolar, contudo, a principal motivação reside no desejo de ingressar em um curso superior, futuramente. Os dados revelaram que a afetividade é muito importante na relação professor/aluno/conteúdos escolares, e que a mediação positiva, por parte do professor, pode ser decisiva na relação que estabelecem com os conteúdos, podendo aproximá-los ou afastá-los de determinada área do conhecimento. Os resultados mostraram ainda a necessidade do uso de novas metodologias, mais participativas e que despertem o interesse dos alunos, de modo a promover sua motivação. Destaca-se a importância do contexto social e político a fim de conferir apoio estrutural ao professor, por meio de políticas públicas que promovam processos de formação continuada, valorização da carreira, melhorias das condições de trabalho e melhor estruturação das escolas quanto a recursos e espaços de aprendizagem.

Palavras-chave: Motivação; Aprendizagem; Educação; Escola Pública.

ABSTRACT

The absence of motivation is being considered as the main factor of school failure. Show take teachers the importance of motivation, as well as identifying which factors that contribute significantly to the motivational process, is essential for them to plan they classes become in it more attractive, and also stimulating that the teachers use diferente strategies that will provide better learning opportunities. Thus, in this research, we aimed to identify the factors related to the motivation of students of na elementary school, located in of Cerqueira César (SP-Brazil) and analyze how motivation affects the teaching and learning relationships. The methodologie adopted in this work were qualitative and quantitative, with application of a questionnaire with objective questions, aimeng to identify the factors that interferences in the student motivation to learn. It was found that in the present school most students are motivated to study by parents and also by the school staff, however, the main motivation is the desire to do a graduation cause in the future. The data revealed that affectivity is very important in the teacher / student / school relationship, and a the positive mediation, of the teacher, can be decisive in the relationship that student established with school contents, being able to bring them closer or further away from them. The results of this work also showed the need for the use of new and, more actives methodologies by teachers that arouse student interest in order to promote their motivation. The importance of the social and political context is highlighted in order to provide structural support to the teacher, through public policies that promote processes of continuing education, to the professional improvement of career enhancement, working conditions and better structureg of the public schools, regarding resources and spaces of learning.

Key-words: Motivation; Learning; Education; Public school.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Motivos para gostar da disciplina Português.....	29
Tabela 2 – Motivos para não gostar da disciplina Matemática.....	31

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Você trabalha?.....	25
Gráfico 2 – Gosta de estudar?.....	26
Gráfico 3 – Qual matéria você gosta mais?.....	29
Gráfico 4 – Qual matéria você menos gosta?.....	30
Gráfico 5- Em casa seus pais ou responsáveis te motivam a estudar?.....	32
Gráfico 6- A escola com toda sua equipe inclusive professores tem motivado voce no estudo?.....	34
Gráfico 7- O que acha que seus professores podem fazer para melhorar sua motivação?.....	35
Gráfico 8- O que falta na sua escola para melhorar sua motivação?.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

PROUNI Programa Universidade para Todos

FIES Fundo de Financiamento Estudantil

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

PPP Projeto Político Pedagógico

HTPC Horário de trabalho pedagógico coletivo

MEC Ministério da Educação

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1.	Motivação Extrínseca e Intrínseca	16
2.2.	A motivação no processo de aprendizagem escolar	17
3.	TEORIAS MOTIVACIONAIS	20
3.1.	Teoria comportamentalista	20
3.2.	Teoria da autodeterminação	22
4.	OBJETIVOS	24
4.1.	Objetivo geral	24
4.2.	Objetivos específicos	24
5.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
6.	ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

A palavra motivar significa: dar motivo a, causar, expor motivo; vem da palavra motivo mais o sufixo ação, que quer dizer movimento, atuação ou manifestação de uma força ou uma energia. A motivação influencia o comportamento em diversos contextos da vida humana e em múltiplas atividades, desde as mais básicas às mais complexas (GOMES; MITCHEL, 2007).

É considerada a força e o impulso que move e direciona o comportamento em busca da satisfação de uma determinada necessidade (CARVALHO; MARTINI, 2006).

A motivação ou ausência desta, é um tema que tem sido estudado e abordado em diversas áreas de conhecimento como na Psicologia, Esporte, Trabalho dentre outras (NOGARO; ECCO; RIGO 2014).

No contexto educacional, a motivação é um problema assíduo que afeta diretamente os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, é um importante desafio a ser confrontado pois sua ausência está sendo considerada como o principal fator do fracasso escolar (MARCHESI, 2006) citado por (NOGARO; ECCO; RIGO, 2014).

A relação entre a aprendizagem e a motivação vai além de um pré requisito para aprender, é possível observar uma correlação, pois a motivação pode interferir na aprendizagem e no desempenho, bem como a aprendizagem pode produzir um efeito na motivação (MITCHELL, 1992) citado por (LOURENCO; ALMEIDA, 2010).

A aprendizagem significativa é mais que uma acumulação de fatos, é um ato que provoca modificação no comportamento do indivíduo, nos seus interesses futuros, na sua personalidade e em suas atitudes. Ela não se limita a um aumento de conhecimento, mas afeta o indivíduo profundamente em sua existência (ROGERS, 2001).

A motivação do aluno é uma variável essencial no processo de ensino/aprendizagem, já que o rendimento escolar não pode ser explicado unicamente por conceitos como inteligência, contexto familiar e condição socioeconômica.

A partir destas considerações, visa-se responder as seguintes perguntas: O que queremos dizer quando falamos em motivar alguém? O que motiva o aluno em sala de aula? Quais estratégias utilizar? Quem deve ser responsabilizado pela desmotivação do estudante? Quais fatores interferem na motivação dos alunos?

Desta forma, o trabalho é importante pois o esclarecimento dos professores em relação à importância da motivação, bem como a identificação de quais são os fatores que contribuem, de maneira significativa ou não, para com o processo motivacional, é essencial para que possam planejar e estruturar suas aulas de forma a tornarem-se mais atrativas e estimulantes, ao mesmo tempo, em que poderão utilizar mecanismos que oportunizem melhor aprendizado.

A pesquisa foi realizada com alunos do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental, cujos

estudantes se encontram na faixa etária entre 11 e 16 anos, os quais foram sondados através de questionário de fácil compreensão, constituído como instrumento para coletar os dados.

Os resultados foram apresentados em percentuais interpretados e comentados, de forma que se identifique a resposta sobre o que ou quem os motiva a estudar e, ao mesmo tempo, verificar-se o grau de motivação destes em relação ao seu dia a dia em sala de aula.

Este estudo está organizado em seis capítulos sendo o 1º a introdução. O capítulo 2 descreve o que é motivação intrínseca e extrínseca e neste capítulo entenderemos também como a motivação está ligada a aprendizagem escolar. No capítulo 3 discorreremos sobre as teorias motivacionais comportamentalista e da autodeterminação. No capítulo 4 e 5 entenderemos os objetivos e os procedimentos metodológicos utilizados. Nos últimos capítulos 6 e 7 estão os resultados e a conclusão da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Motivação intrínseca e extrínseca

Existem dois tipos de motivação, inicialmente identificados por Deci (1972, tradução nossa) e posteriormente estudados por outros autores: a intrínseca e a extrínseca. A motivação intrínseca é primordial para o desenvolvimento humano e é estudada por psicólogos e educadores, especialmente pelo seu papel na aprendizagem escolar (GALANAKI, 2009, tradução nossa).

Para Martinelli e Genari (2009), existe uma clara relação entre a motivação intrínseca e o desempenho escolar, ou seja, quanto maior o desempenho, maior a motivação intrínseca e vice-versa.

Sendo um tipo de motivação natural, ela garante o envolvimento do indivíduo em uma atividade por sua própria vontade, pelo prazer que esta pode proporcionar (PAIVA, GUIMARÃES, 2004) sem a necessidade de incentivos externos, prêmios ou recompensa, o desejo de realizar a atividade tem origem nos sentimentos de competência e autonomia, presentes no indivíduo (MARTINELLI; GENARI, 2009).

No contexto educacional, a motivação intrínseca é apontada como aquela que garante o envolvimento dos estudantes com as tarefas de aprendizagem (GUIMARÃES, 2004).

Um indivíduo com orientação motivacional intrínseca está mais impulsionado a estudar, a iniciar uma atividade e permanecer nela até o fim (MARTINELLI; GENARI, 2009).

Já a motivação extrínseca tem sua origem em incentivos tais como elogios, prêmios, reconhecimento, aprovação do professor, dentre outros (GUIMARÃES, 2004).

Embora pareçam ser contraditórias, existem situações em que o interesse intrínseco e recompensa extrínseca podem colaborar para motivar a aprendizagem, por exemplo, um mesmo indivíduo pode ser curioso e gostar de atividades desafiantes, mas também vê na aprovação do professor um incentivo para estudar (GUIMARÃES, 2004).

A diferença essencial entre os dois tipos de motivação reside na fonte que impulsiona e move o comportamento (REEVE, 2009).

2.2 A motivação no processo de aprendizagem escolar

Atualmente, pesquisadores sobre aprendizagem e ensino estão interessados em encontrar respostas para perguntas básicas sobre como, e por que alguns alunos parecem aprender e prosperar em contextos escolares, enquanto outros estudantes parecem ter dificuldades para desenvolver o conhecimento. A pesquisa sobre motivação dos alunos está no centro dessa questão que aponta que para ser bem sucedido academicamente deve-se considerar o papel da motivação (PINTRICH, 2003, tradução nossa).

Segundo Gutiérrez (1986) citado por Ribeiro (2011), a motivação escolar constitui, atualmente, uma área de investigação que permite, com alguma relevância, explicar, prever e orientar a conduta do aluno em contexto escolar.

No ambiente escolar, a motivação tem se mostrado um dos fatores que favorecem o aprendizado e sua falta deixa espaço para a passividade, para a indisciplina, e desconcentração (BORUCHOVITCH, 2010).

O aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, demonstrando envolvimento com o processo de aprendizagem, ele participa com entusiasmo nas tarefas e revela disposição para novos desafios (ALCARÁ, 2007).

Porém, a motivação não é apenas uma característica essencial aos alunos, Fita (1999) Citado por Silva (2012) explica que, muitas vezes, para o aluno ter motivação em aula é importante ter um bom professor, que conduza os alunos para que estes encontrem razões para aprender.

Segundo Bzuneck (2009), o papel do professor em classe é o de prevenir a ocorrência de condições negativas, como o tédio, a apatia ou ansiedade exagerada e, além disso, desenvolver e manter a motivação da classe. Deste modo, é importante que os professores tenham consciência de que a motivação dos alunos é influenciada pelas suas atitudes perante eles.

A desmotivação docente no exercício profissional, estabelece uma problemática com efeitos no desempenho das suas funções, trazendo consequências negativas ao processo de ensino e de aprendizagem, e em sua relação com os alunos (CORREIA, 2012).

Cunha (1999) destaca três pontos para a desmotivação docente, sendo eles: a desvalorização da profissão, relacionada com a questão salarial; a estrutura do ensino, determinada pelo modelo de escola da legislação contemporânea e as condições de trabalho, como espaços físicos e materiais didáticos, que impossibilitam um ensino de melhor qualidade.

A profissão docente, passa por uma carência de investimentos e de valorização, historicamente tornou-se desvalorizada e de pouco prestígio social. Alguns fatores

políticos, sociais, organizacionais, tornam-se responsáveis pela precarização da profissão docente, pois levam o profissional a responder pelas exigências além da sua formação ou função, causando ao professor um sentimento de desqualificação e de desvalorização (OLIVEIRA, 2004).

Lima (2013) afirma que isso ocorre devido a alguns problemas que fazem parte do cotidiano docente, entre eles estão a intensificação do ritmo de trabalho (antes a função que se esperava do professor era apenas de ensinar disciplinas, agora assume outras funções) como assessoramento psicológico, além da falta de autonomia, infraestrutura defasada no ambiente escolar, a indisciplina, a baixa remuneração, desqualificação social e psicológica dos docentes. Isso acaba gerando um desgaste na profissão, causando mal-estar docente e pouca qualidade de vida.

A síndrome de Burnout é uma das doenças que está interferindo na qualidade de vida dos docentes, é um problema que vem preocupando os estudiosos nas últimas décadas, chegando a ser considerado um problema de saúde pública nesse segmento ocupacional (LEITE, 2007).

Burnout é uma palavra inglesa que pode ser traduzida como “queima após desgaste”. Refere-se a algo que deixou de funcionar por exaustão. O termo passou a ser usado como metáfora, para explicar o sofrimento do homem em seu ambiente de trabalho, associado a uma perda de motivação e alto grau de insatisfação decorrentes dessa exaustão (LIMA, 2007).

No caso dos professores, Reinhold (2002) observou fases da síndrome de Burnout, essas fases são: idealismo; realismo; estagnação/quase-burnout; apatia e burnout total. A fase do idealismo, é descrita como o momento de grande entusiasmo e energia onde o trabalho preenche a vida do professor. A fase do realismo, é quando o professor percebe que suas aspirações e ideais não correspondem à realidade, ele começa a sentir frustrado, intensifica seu trabalho, em busca de realização, mas, vem o cansaço e a desilusão, acabando o professor por se questionar quanto a sua competência. Quando o entusiasmo inicial dá lugar à fadiga crônica, é o momento da estagnação e frustração, ou quase-burnout; nessa fase aparecem sintomas como irritabilidade, atrasos e faltas. A seguir, vem a apatia e o burnout total, momento no qual o professor já experimenta desespero, autoestima corroída e até depressão. Ele perde a motivação no trabalho e até na vida.

Reinhold (2002), ainda pontua os fatores relacionados ao ambiente de trabalho, que contribuem para a ocorrência deste mal, sendo eles: os conflitos, o excesso de tarefas que sobrecarregam o professor, a jornada excessiva de trabalho dentro e fora da escola, o excesso de burocracia, o acúmulo de atividades principalmente nos finais de bimestres, o número excessivo de alunos, as elevadas expectativas de diretores, pais e

comunidades em relação ao seu trabalho, as políticas inadequadas de avaliação de desempenho do professor, a falta de autonomia na articulação de seu trabalho e o baixo status da profissão de professor.

De acordo com a pesquisa de Leite (2007), 15,7% num universo de oito mil professores entrevistados apresentam a síndrome de Burnout. Caso o índice seja o mesmo em todo o país, por exemplo, então mais de 300 mil professores brasileiros convivem com a síndrome, isso somente no ensino básico. Entre outras consequências, tal cenário levaria a um sério comprometimento na educação de milhões de alunos.

Não só a situação dos professores pode ocasionar a desmotivação dos alunos, para Hersey e Blanchard (1986), a desmotivação pode ocorrer por vários motivos entre eles: os motivos sociais e as necessidades fisiológicas como de moradia apropriada, alimentação, roupas, ou seja, as necessidades básicas para uma vida psicológica e fisiológica adequada.

Ainda precisa-se pontuar a importância da participação da família no processo de ensino pois essa participação, incentivada pela escola, permite ao aluno a integração ao ambiente escolar, possibilitando um melhor aproveitamento nos estudos. Com o relacionamento escola e família, se adquire maiores informações a respeito de quem são os alunos, suas famílias, sua cultura, sua vida cotidiana, o que favorece a organização do trabalho do professor que será desenvolvido com o objetivo de beneficiar seus alunos (LIMA, 2009).

Para Bartholo (2001) citado por Nascimento e Oliveira (2017) a parceria família e escola é fundamental para que ocorram os processos de aprendizagem, uma vez que a aprendizagem não está restrita apenas à conteúdos escolares.

Lima (2009) ainda conclui que a educação é um processo de mudança do qual, a família precisa fazer parte, e esta participação deve acontecer por meio do apoio e da motivação no processo de estudo, buscando complementar os objetivos da escola.

3. Teorias motivacionais: o olhar da psicologia sobre a temática

3.1 Teoria comportamentalista ou behaviorismo

O Behaviorismo é uma corrente da psicologia que define o comportamento humano como resultado das influências dos estímulos do meio. Sendo assim, o comportamento pode ser moldado de acordo com estímulos e respostas. Os principais representantes do behaviorismo são: Ivan Pavlov e Burrhus Frederic Skinner (LA ROSA, 2003).

A princípio, as teorias de Pavlov e Skinner eram aplicadas na Biologia para condicionar as ações dos animais. Futuramente, tais experiências levaram à construção de conceitos aplicáveis ao comportamento humano.

Pavlov desenvolveu a teoria dos reflexos condicionados, a partir dos seus experimentos com cães, onde observou que quando oferecia um prato de carne (estímulo não condicionado) o cão respondia a esse estímulo não condicionado ou natural (a carne) salivando. O fluxo de saliva é reflexo, ou seja, é uma reação inata ou não aprendida das glândulas salivares à presença de alimentos na boca.

Depois de associar por diversas vezes o som de uma campainha ao ofertar o prato da carne, verificou-se que apenas o estímulo neutro (o som da campainha) era suficiente para produzir a resposta de salivação, sem ser necessária a presença do prato de carne.

Logo, a salivação era resultante de aprendizagem, ou seja de condicionamento, o cão ao ouvir o som da campainha sabia que a carne viria logo depois.

Todo o organismo do animal reagia como se a carne já estivesse presente, produzindo secreção digestiva, e salivação. O experimento mostrou que um estímulo que nada tem a ver com a alimentação, meramente sonoro, passa a ser capaz de provocar o estímulo da digestão (RIBAS, 1999).

Skinner é o principal representante do behaviorismo, pois foi ele quem levou os princípios empiristas para o estudo da aprendizagem. O experimento que norteou a sua teoria consistiu em colocar um rato privado de alimento, dentro de uma caixa fechada que continha uma barra, que o animal podia pressionar ou manipular de modo a obter alimentos ou água como um tipo de reforço. O rato utilizado no experimento emitia vários comportamentos aleatórios na caixa e quando ele se aproximava da barra perto da parede, uma gota d'água era inserida na caixa através de um mecanismo e o rato a bebia. Depois de algum tempo o rato estava pressionando a barra dezenas de vezes até saciar completamente sua sede (FALCÃO, 1996) Citado por Silva (2014).

Foi observado que os comportamentos do rato que eram seguidos de um estímulo reforçador (a água) aumentavam de frequência. Com isto concluiu-se que o estímulo que se segue imediatamente após a resposta é o mais importante (FALCÃO, 1996) Citado por Silva (2014).

Transferindo para o comportamento humano, Skinner acreditava que na escola o comportamento dos alunos poderia ser modificado, pelo oferecimento de recompensas; as recompensas seriam o reforço que aumentaria a probabilidade de resposta. O reforço é positivo quando fortalece o comportamento e negativo quando o afastamento do mesmo fortalece o comportamento (MOREIRA, 1994).

Assim, um reforço positivo consiste em adicionar algo ao ambiente do aluno como alimento, água ou um elogio do professor, e o reforço negativo retira algo indesejável da situação, como um barulho muito alto ou um gesto de desaprovação do professor (SILVA, 2014).

Na escola, a teoria comportamentalista pode ser uma grande aliada para recuperar a motivação dos alunos, as recompensas podem ser usadas em sala de aula de maneira efetiva para incentivar os alunos a atingirem um bom desempenho em atividades que exigem exercício e prática (por exemplo: cálculos aritméticos, e ortografia). Neste caso, elas servem, talvez, como a mais importante estratégia para sustentar os esforços dos estudantes quando estes se encontram com tarefas que não despertam qualquer interesse ou motivação (SILVA, 2014).

Muitos estudos indicam que os efeitos das recompensas dependem, principalmente, de como e quando são oferecidas, isto é, de condições para sua efetividade. E nesse caso é fundamental a postura do professor que deve observar os seus alunos e administrar as ações de incentivo a motivação de forma direta e positiva (SILVA, 2014).

O Behaviorismo, mais especificamente as concepções comportamentalistas de Pavlov e Skinner, são objeto de análises críticas para o processo de aprendizagem e para o processo de ensino que se deseja dentro da educação escolar.

3.2 Teoria da autodeterminação

Deci e Ryan, (2000, tradução nossa) afirmam que, para serem intrinsecamente motivadas, as pessoas necessitariam se sentir competentes e autodeterminadas. Em sua argumentação, contrapôs as afirmações de Skinner (1998) acerca da ligação funcional entre comportamento e reforçamento, afirmando que os comportamentos intrinsecamente motivados seriam independentes de consequências operacionalmente separadas porque, nesse caso, a realização da atividade seria a própria recompensa.

Além disso, nesse trabalho apresentou o conceito de necessidades psicológicas básicas, apontadas como determinantes do comportamento intrinsecamente motivado, indo contra ideias anteriores de que todo comportamento seria em função da satisfação de necessidades fisiológicas (GUIMARÃES, 2004).

A partir dessas afirmações, centenas de estudos foram desenvolvidos, buscando comparar motivação intrínseca e motivação extrínseca. Os resultados dessas investigações indicavam que as recompensas materiais prejudicariam a motivação intrínseca, reduzindo o envolvimento na atividade para níveis menores do que os apresentados antes da introdução das recompensas (DECI; RYAN, 2000, tradução nossa).

As explicações para o problema, era que as pessoas deixavam de perceber suas ações como internamente guiadas para se sentirem externamente comandadas. Com o acréscimo de diversos trabalhos empíricos, voltados para a compreensão do fenômeno e o aprofundamento teórico atingido, Deci e colaboradores (DECI e RYAN, 1985; RYAN, CONNELL e DECI, 1985) desenvolveram a Teoria da Autodeterminação, abordando a personalidade e a motivação humana, para estabelecer uma psicologia com responsabilidade social e política, com foco em saúde e bem estar psicológicos (SILVA; WENDT; ARGIMON, 2010).

De acordo com essa abordagem, a análise da motivação de um indivíduo pode ser classificada em três grupos: desmotivação, motivação extrínseca e motivação intrínseca. A desmotivação, como o próprio nome diz, é caracterizada pela ausência de motivação, ou seja, a pessoa não apresenta intenção nem comportamento proativo (GUIMARÃES; BZUNECK, 2008).

O segundo grupo, motivação extrínseca, é dividido em quatro tipos de regulação comportamental: a) regulação externa: é a forma menos autônoma de motivação, pois, nesse caso, a pessoa age para obter recompensas ou evitar punições. b) regulação introjetada: a pessoa administra as consequências externas mediante o resultado de pressões internas como culpa e ansiedade. c) regulação identificada: é mais autônoma do que as anteriores, pois, nesse caso, já há alguma interiorização, mesmo que a razão para fazer alguma coisa seja de origem externa existe uma identificação com os

objetivos. d) regulação integrada: há coerência entre o comportamento, os objetivos e valores do indivíduo, é a forma de motivação extrínseca mais autônoma, embora o foco ainda esteja nos benefícios pessoais advindos da realização da atividade. Finalmente, em relação à motivação intrínseca, o indivíduo tem interesse e prazer na realização da tarefa, sendo a atividade vista como um fim em si mesma (LEAL; MIRANDA; CARMO, 2012).

Do ponto de vista da Teoria da autodeterminação, existe três necessidades psicológicas básicas a de autonomia, a de competência e a de relacionamento, que são definidas como nutrientes psicológicos inatos essenciais para o crescimento psicológico, a integridade e o bem estar contínuos (DECI; RYAN, 2000, tradução nossa).

A necessidade de autonomia refere-se à experiência do comportamento como livremente escolhido, em vez de pressionado e coagido por fontes externas, por exemplo as pessoas seriam naturalmente propensas a realizar uma atividade por acreditarem que o fazem por vontade própria, e não por fatores externos (CUNHA, 2014).

A necessidade de competência refere-se por sua vez, à adaptação ao ambiente e à aprendizagem de um modo geral e também ao desenvolvimento cognitivo (SILVA; WENDT; ARGIMON, 2010).

E a necessidade de relacionamento refere-se à experiência de apoio mútuo, cuidado e preocupação com outras pessoas importantes, em vez de desconexão e alienação, é a necessidade de pertencer ou de se sentir parte de um contexto (BAUMEISTER, 1995, tradução nossa).

Aplicada ao contexto educacional, a Teoria da Autodeterminação focaliza a promoção do interesse dos estudantes pela aprendizagem, a valorização da educação e a confiança nas próprias capacidades e atributos (GUIMARÃES, 2004).

Reeve (2006, tradução nossa) sugeriu que os alunos tem suas necessidades psicológicas básicas atendidas quando os professores aplicam atividades de aprendizagem consistentes com seus recursos motivacionais internos, como interesses, valores e preferências.

Guimarães e Bzuneck (2008) destacam que diversas pesquisas têm descoberto associações entre os tipos de motivação e resultados positivos de aprendizagem .

Além disso, os autores sugerem que é possível aumentar a motivação dos alunos através de estratégias que aumentem sua autonomia, demonstrem a utilidade dos conhecimentos acadêmicos, apoiem os interesses dos alunos e promovam um sentido de grupo. Esta não é uma tarefa de fácil realização, mas depende do esforço em se criar interações promotoras de autonomia e menos controladoras, por exemplo, dando oportunidades de escolha e tornando os alunos responsáveis pelas consequências de suas opções, compartilhando as tomadas de decisões, ouvindo e questionando os

argumentos dos estudantes, entre outras estratégias (LEAL; MIRANDA; CARMO, 2012).

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Identificar quais os fatores que interferem na motivação dos alunos do ensino fundamental II em uma escola da rede pública da cidade de Cerqueira César-SP. E analisar como a motivação afeta as relações de ensino e de aprendizagem.

4.2 Objetivos Específicos

- Identificar os fatores que interferem na motivação do aluno;
- Investigar os impactos nas relações de ensino e de aprendizagem, decorrentes da desmotivação;
- Relacionar os fatores motivação/desmotivação aos problemas de aprendizagem.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente projeto teve uma abordagem quantitativa e qualitativa, utilizando questionário impresso contendo 9 questões objetivas e dissertativas, abordando o que motiva ou desmotiva os alunos durante seu processo de aprendizagem.

Foram avaliados 61 estudantes, sendo 23 do sexo masculino e 38 do sexo feminino, na faixa etária entre 11 e 16 anos, alunos do 6º e 9º anos do ensino fundamental, de uma escola da rede pública estadual localizada no município de Cerqueira César-SP.

Os dados catalogados foram organizados com o auxílio do programa Microsoft Excel em planilhas para melhor interpretação dos resultados. A análise dos dados foi feita a partir da revisão da literatura e da sistematização dos dados levantados pelos questionários.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, são apresentados os dados com base nas respostas obtidas no questionário aplicado aos discentes sobre motivação.

Pergunta nº 01- Você trabalha?

- 80% responderam que não trabalham;
- 12% não responderam a questão;
- 8% responderam que trabalham.

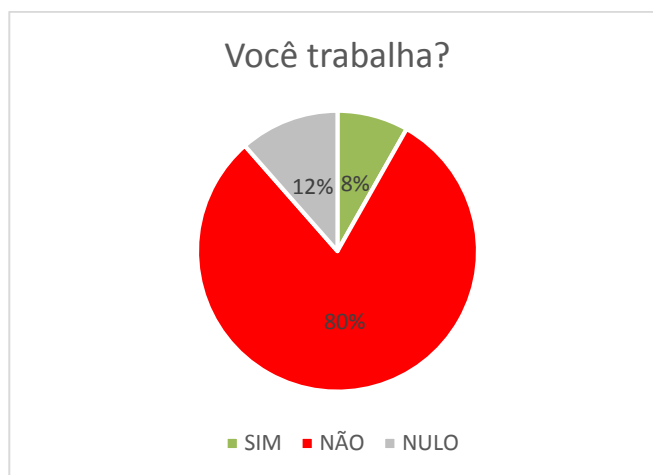


Gráfico 1 – Você trabalha?
Fonte: Pesquisa de campo.

A maior parte dos discentes não trabalha, provavelmente, pela faixa de idade dos que responderam a pesquisa. Aos que trabalham foi feita a pergunta:

Se trabalha, acha que isso atrapalha seus estudos? Por quê? Obteve-se como resposta:

“Sim, porque cansa”

“Mais ou menos, porque às vezes cansa”

“Sim, não tenho tempo de estudar em casa”

“Não atrapalha”

A carga horária da jornada de trabalho acrescida do período escolar podem ser cansativos para os jovens, que passam a ter menos horas de sono e um menor tempo para recreação e lazer (SILVA et al., 2013). Esses fatores podem prejudicar o seu rendimento escolar e causar desmotivação, levando-os a abandonar os estudos e a se dedicarem exclusivamente ao trabalho.

No Brasil, existem leis que regulamentam a inserção do jovem no mercado de trabalho. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) proíbe que jovens menores de 14 anos executem qualquer tipo de trabalho. A partir dessa idade, os jovens podem começar a trabalhar no regime de aprendiz, regulamentado pelo Decreto nº 5598/2005 (Brasil, 2005). Esse decreto prevê, assim, uma formação técnico-profissional que seja compatível com a vida escolar dos jovens, juntamente com uma carga horária reduzida

que não interfira na vida escolar do mesmo.

Pergunta nº 2 – Gosta de estudar?

- 67% responderam que sim;
- 33% responderam que não.



Gráfico 2 – Gosta de estudar.
Fonte: Pesquisa de campo.

Ao serem questionados pelo motivo:

- 1,64% responderam não; 'Eu trabalho e não tenho tempo de estudar'
- 4,92% responderam não; 'Os professores ou alguns professores não me motivam para aprender e não me compreendem';
- 11,48% responderam sim; 'Os professores ou alguns professores me compreendem e me motivam a estudar';
- 6,56% responderam não; 'Eu não entendo o que o professor explica';
- 9,84% responderam não; 'Tenho preguiça de ir à escola';
- 9,84 responderam não; 'Vou à escola somente porque meus pais obrigam';
- 44,26% responderam sim; 'Penso em cursar uma faculdade futuramente';
- 9,84% responderam sim; 'Tenho curiosidade por novos conhecimentos';
- 1,64% Não responderam à questão.

Verificou-se que 44,26 % dos alunos pensam em cursar uma faculdade futuramente. Assim, observa-se que a maior parte dos alunos gosta de estudar porque pensa em continuar os estudos após o ensino médio. Segundo Boruchovitch (2001), os alunos mostram que estão motivados pois o aluno motivado intrinsecamente e extrinsecamente sente-se motivado pelo gosto em aprender, visando objetivos futuros. Percebe-se que esses alunos veem o estudo como um meio garantidor para conseguir uma vaga na universidade. Além disso, esse grande desejo pela continuidade aos estudos pode ter relação com as políticas recentes de acesso ao ensino superior (SOUZA; VAZQUEZ,

2015). Entre essas políticas, destacam-se as seguintes: o sistema de cotas, o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies).

A maior porcentagem de alunos que deseja continuar estudando após o ensino médio está de acordo com a finalidade da educação básica que, segundo a Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB, 1996), é, entre outras coisas, fornecer meios para o aluno dar continuidade aos estudos no Ensino Superior.

Sabendo que a universidade é o principal objetivo que aumenta a motivação dos alunos, é de extrema importância que essas políticas continuem crescendo para acolher esses estudantes.

Entretanto, o que está ocorrendo é exatamente o contrário, com a atual crise orçamentária do governo federal, a instabilidade que atinge o Ministério da Educação (MEC) e os cortes de verbas que estão afetando consideravelmente a educação, o maior prejudicado até o momento é o Fies. Desde o início de 2009, o MEC atrasou a concessão e a renovação de cerca de um milhão de contratos do Fies. Das 100 mil vagas novas oferecidas para o programa no primeiro semestre de 2019, 60% foram preenchidas, ou seja, tiveram estudantes selecionados para ocupá-las. No entanto, apenas 1.758 conseguiram finalizar o contrato com o banco. Em 2017, o Fies registrou 170.905 novos contratos de financiamento de cursos de graduação, o dado mais baixo em seis anos, segundo o FNDE. A queda no total de contratos do Fies teve início após mudanças e restrições pelo qual o programa passou desde 2015 (O declínio do Fies e a realidade vivenciada pelas Universidades, 2019).

A previsão é que em 2020 o Ministério da Educação sofra ainda mais cortes do que neste ano. Segundo a proposta orçamentária apresentada pelo Governo, o valor repassado ao MEC será 18% menor do que em 2019 (ILHÉU, 2019).

Existe, portanto uma incerteza quanto à permanência da oferta do programa. Caso os estudantes percam o apoio das políticas públicas do governo federal e as dificuldades para ingressar em universidades aumentarem, acabará refletindo na vida escolar dos alunos, pois eles perderão sua maior motivação.

33% dos estudantes assinalaram que não gostam de estudar, o que leva a inferir que se mostram desmotivados, conforme afirma Silva et al. (2015), o aluno desmotivado é aquele não encontra na escola estímulo para estudar; por algum fator desmotivou-se e não possui vínculo afetivo e significativo com a escola e com o ato de estudar.

A falta de motivação traz muitos prejuízos à trajetória escolar dos estudantes, ela causa uma queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem, além de que alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco (BZUNECK, 2009).

É uma questão preocupante já que o desinteresse pelos estudos contribui para o

fracasso da aprendizagem escolar e, em alguns casos, pode acabar levando à evasão (MORALES, 2016).

Pergunta nº 3 -Já aconteceu de você chegar desmotivado na aula e algo mudar sua motivação? O que aconteceu?

Nessa questão as respostas mais obtidas são: “Um amigo me motivou”, e “Uma aula diferente me motivou” (por exemplo aulas na sala de computação ou assistir filme).

As emoções e os afetos sempre foram abordadas nas teorias psicológicas, nas últimas duas décadas a afetividade e sua ligação com o ensino passou a ser objeto de estudo de diversos pesquisadores.

Sérgio Leite, um influente pesquisador da afetividade nas práticas de ensino, em um artigo sobre a afetividade, traz importantes considerações sobre o assunto. Ele pontua que durante séculos predominou a chamada concepção dualista, segundo a qual o homem é entendido como um ser dividido entre razão e emoção, que ora pensa, ora sente, não havendo vínculos entre essas duas esferas. A razão era vista como uma dimensão superior, e a emoção como o lado sombrio da natureza humana, responsável por grande parte de seus defeitos (LEITE, 2012).

Ele mostra que até hoje a concepção dualista exerce influência nas práticas das instituições educacionais, segundo a qual o trabalho educacional deve ser dirigido, essencialmente, para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, centrados na razão, sendo que a afetividade não deve estar envolvida nesse processo. Com o desenvolvimento da ciência e da pesquisa, em quase todas as áreas do conhecimento, ganhou destaque um modelo teórico em que estas dimensões são equalizadas nas relações de ensino-aprendizagem, mostrando que razão e emoção são indissociáveis e coexistem no indivíduo, em todos os momentos (LEITE, 2012).

As respostas dos alunos mostra a importância da afetividade e que o papel do ‘outro’ é crucial para os envolver com os conteúdos escolares, por meio da mediação, com estratégias diversas.

Leite (2012) afirma que as relações afetivas influenciam a interação entre as pessoas, assim como influenciam na relação de ensino-aprendizagem e que é impossível separar afeto de cognição, mesmo nos momentos de transmissão e produção de conhecimento.

Leite (2012) conclui que as atividades de ensino concentram grande parte da afetividade em sala de aula; ela está presente nas relações interpessoais entre professores e alunos e também entre os alunos, está expressa em conteúdos verbais, posturas, contatos, proximidade, formas de acolhimento, correções e diversas outras maneiras. Tais aspectos implicam em um enorme poder de impacto afetivo no aluno, positivo ou negativo, dependendo da forma como essas interações são vivenciadas.

Pergunta n° 4- Qual a matéria que você gosta mais?

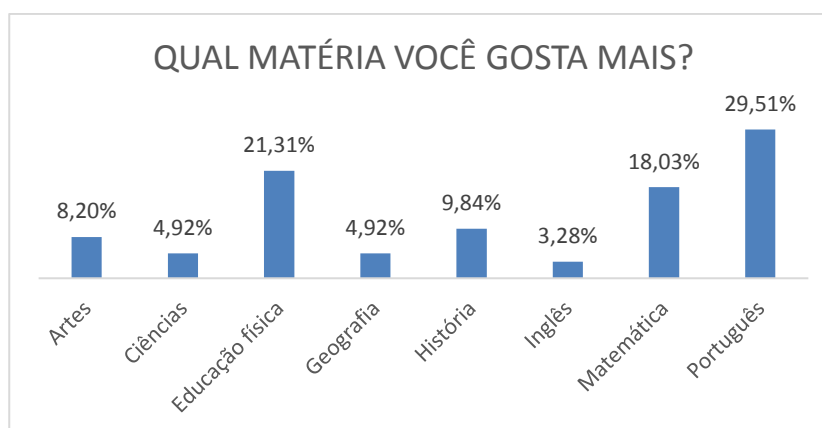


Gráfico 3 – Qual matéria você gosta mais?

Fonte: Pesquisa de campo.

MOTIVOS PARA GOSTAR DA DISCIPLINA PORTUGUÊS	29,51%
Gosto dessa matéria porque o/a professor (a) me incentiva durante as aulas	1,64%
Gosto dessa matéria porque é de fácil entendimento	1,64%
Gosto dessa matéria porque tiro notas boas	1,64%
Gosto dessa matéria porque gosto do professor	8,20%
Gosto dessa matéria porque vou precisar para uma futura faculdade	1,64%
Gosto dessa matéria porque o/a professor (a) explica bem	14,75%

Tabela 1- Motivos para gostar da disciplina Português

Fonte: Pesquisa de campo.

Conforme exposto no gráfico 3, a disciplina de Português destaca-se como sendo a preferida pelos alunos. A maior parte dos discentes justificaram que gostam da matéria porque o professor explica bem, seguido de que gostam da matéria porque gostam do professor.

Isso mostra que o professor passa seus conteúdos de forma simples, e de fácil entendimento, causando assim um impacto na motivação dos alunos que se interessam mais no conteúdo dessa matéria.

O processo de ensino-aprendizagem, não envolve somente questões cognitivas. Partindo desse pressuposto, assume-se que, no processo de aprendizagem, o outro possui grande importância, mediando a relação sujeito conhecimento, os quais ganham significado e sentido. Dessa forma, a qualidade da mediação do professor pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação sujeito-conhecimento (LEITE, 2005).

O professor e pesquisador Sérgio Leite, produziu uma pesquisa intitulada “Professor Inesquecível” que teve como objetivo através de entrevistas com ex-alunos de um determinado professor denominado “M” descrever as práticas pedagógicas do mesmo desenvolvidas em sala de aula, identificando as possíveis consequências afetivas na relação que se estabeleceu entre seus ex-alunos e os conteúdos da disciplina que ministrava.

Em sua pesquisa Leite pontua algumas práticas pedagógicas que tornaram "M" um professor inesquecível para os seus alunos.

Ele cita a forma que o professor utilizava a avaliação para ajudar na aprendizagem ao invés de só cobrar nota; outra prática que "M" utilizava era a interdisciplinaridade, ele costumava relacionar vários assuntos com a sua disciplina e pedia que os alunos discutissem temas diversos (como violência, sexualidade, drogas, questões políticas e econômicas), causando neles um impacto positivo pelas reflexões propostas.

Outra atitude elogiada pelos ex-alunos era o fato de "M" sempre exigir que os alunos produzissem redações sobre temas diversos, o que os alunos pontuam que foi de extrema importância para seu sucesso no vestibular. Os sujeitos ainda pontuam o fato de o prof. "M" ser atencioso e sempre procurar solucionar as suas dúvidas e também a forma de estimular a participação de todos os alunos durante as aulas, sem que isso fosse uma obrigação.

Os ex-alunos responsabilizam "M" pelo sucesso no vestibular e por não apresentarem dificuldades com a Língua Portuguesa e pelo seu gosto pela leitura.

Outra marca positiva da mediação de M foi o relato que os seus alunos sempre tentaram seguir o modelo de comportamento do professor, o que indica que foi estabelecida uma relação afetiva positiva entre professor-aluno.

Leite (2005) conclui que os dados desta pesquisa revelaram a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor em sala de aula, assim como que a qualidade da mediação feita e a forma como são apresentados os conteúdos escolares interferem na relação aluno-objeto de conhecimento, não só no momento da aula mas para o resto da vida dos alunos.

Pergunta n° 5 – Qual matéria você menos gosta?

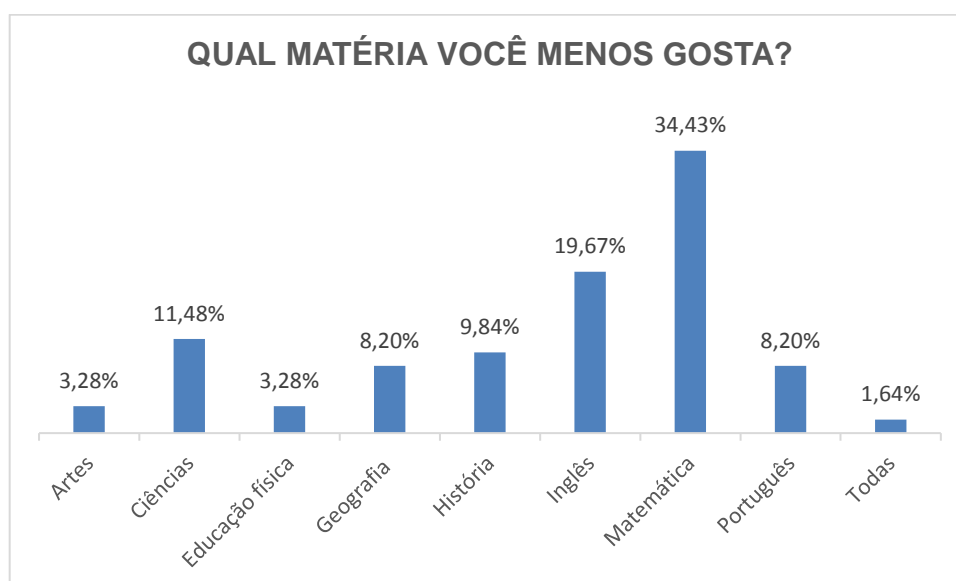


Gráfico 4 – Qual matéria você menos gosta?

Fonte – Pesquisa de campo.

MOTIVOS PARA NÃO GOSTAR DA DISCIPLINA MATEMÁTICA	34,43%
Porque não tiro notas boas	4,92%
Porque não vou precisar futuramente	1,64%
O professor (a) não explica bem	8,20%
Porque ela é difícil	6,56%
Porque não gosto do professor (a)	6,56%
Porque não tem novidade e a aula é parada	1,64%
Porque o professor não gosta de mim	4,92%

Tabela 2 – Motivos para não gostar da disciplina matemática
Fonte – Pesquisa de campo.

O gráfico 4 mostra que a disciplina matemática é a mais detestada pelos alunos, eles justificam que o professor não explica bem, seguido de “a matéria é difícil e por não gostar do professor”.

A dificuldade de aprender Matemática começa desde o ensino fundamental e segue o aluno muitas vezes até o ensino superior. Um número elevado de alunos sente rejeição e se sentem desmotivados com as disciplinas que exigem reflexão e raciocínio lógico-matemático.

Tatto e Scapin (2004) concluem que as causas da rejeição à Matemática estão relacionadas à ideia pré-concebida de que a Matemática é difícil pelas experiências negativas passadas, à falta de interesse e a uma autoimagem negativa que o aluno tem de si próprio; também cita a falta de incentivos de alguns professores e a falta de motivação devido aos conteúdos não terem uma aplicação prática em suas vidas.

Além disso, pode-se assumir que a maneira como o processo de mediação ocorre é um fator determinante para a qualidade da relação que vai se estabelecer entre o sujeito e os objetos do conhecimento. Desta forma, a atividade escolar pode se tornar uma prática indesejável e desmotivadora para o aluno, produzindo, geralmente, efeitos desastrosos que diminuem as possíveis relações afetivas entre o aluno e os conteúdos abordados (LEITE, 2012).

Na escola, o principal agente mediador entre aluno e o conteúdo escolar é, sem dúvida, o professor, na medida em que todas as práticas pedagógicas dependem de seu planejamento. Portanto, o tipo de relação afetiva (aproximação ou de afastamento) que vai se estabelecer entre o aluno e um determinado conteúdo escolar, vai depender das práticas de mediação pedagógica planejadas e desenvolvidas em sala de aula (LEITE, 2012).

A relação de afastamento com o conteúdo se coloca quando o aluno não identifica a relevância dos objetivos propostos, para sua vida, para a sociedade em que vive, ou para o seu futuro profissional (LEITE, 2012).

A mediação pedagógica ocorre em meio a práticas e situações concretas, o que

significa que elas podem ser planejadas de forma a aumentar as chances da aprendizagem com sucesso pelo aluno (LEITE, 2005).

Então, é de extrema importância que a escola selecione objetivos, estratégias e conteúdos de modo que os alunos reconheçam a relevância dos mesmos, o que aumenta as possibilidades de se estabelecer vínculos afetivos positivos entre os alunos e os objetivos/conteúdos abordados. Atividades bem escolhidas e adequadamente desenvolvidas, sem dúvida, aumentam as chances do aprendizado e a consequente relação afetiva de aproximação entre o aluno e os conteúdos escolares (LEITE, 2012).

Pergunta n° 6 - Em casa seus pais ou responsáveis te motivam a estudar?

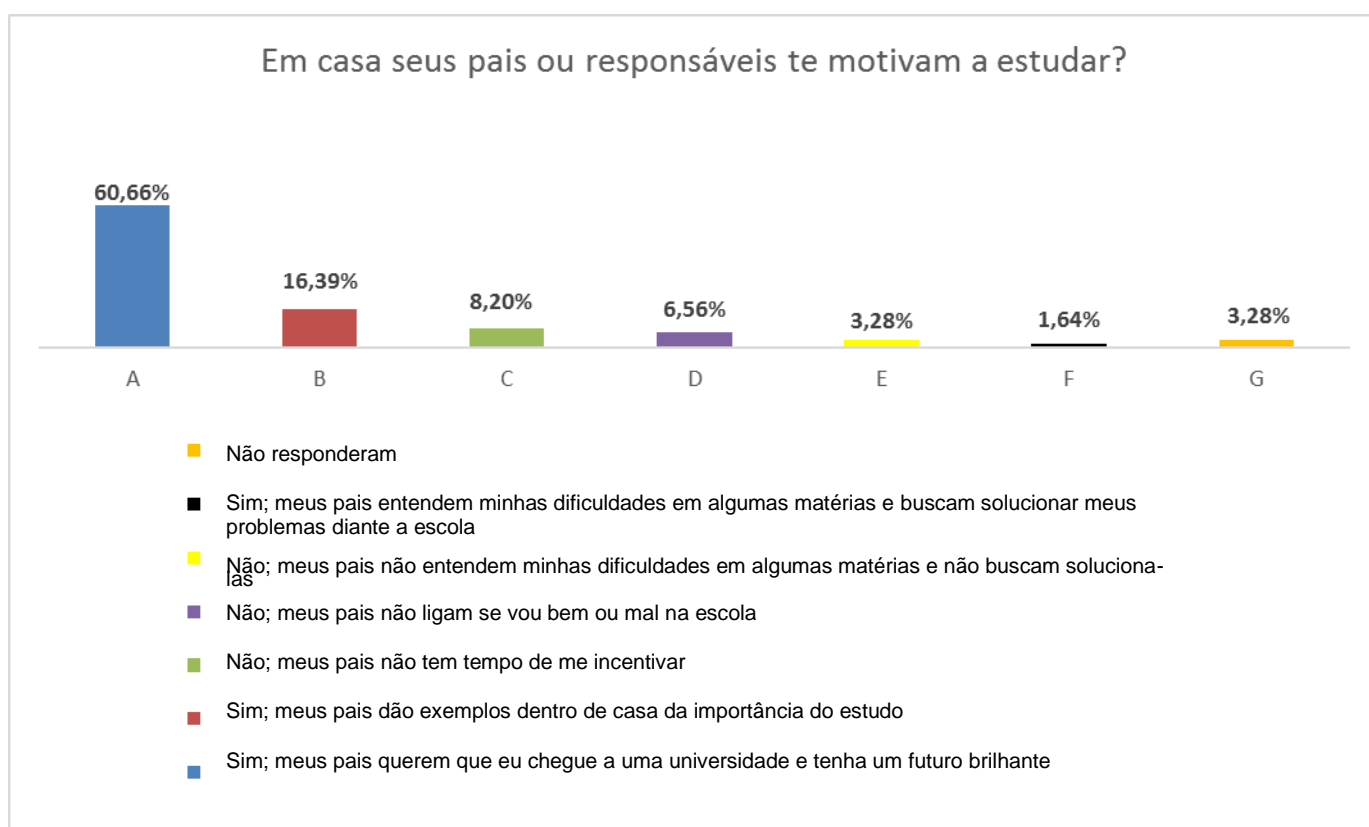


Gráfico 5 – Em casa seus pais ou responsáveis te motivam a estudar?

Fonte – Pesquisa de campo.

Ao perguntar se os pais ou responsáveis dos alunos os motivam aos estudos 60,66% disseram que seus pais ou responsáveis os motivam aos estudos e querem que seus filhos façam uma faculdade e tenham um futuro brilhante.

Pode-se concluir que os pais compreendem a importância do estudo e se preocupam com o futuro dos seus filhos, e os motivam a ingressar na faculdade futuramente, e assim terem a chance de alcançar uma carreira de sucesso.

A família é considerada a primeira referência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social (OLIVEIRA, 2010).

Muitos pesquisadores acreditam que a educação bem sucedida da criança no

ambiente familiar exerce influência significativa no desenvolvimento moral dos indivíduos. Porém, se família não tiver condições adequadas para promover o desenvolvimento emocional da criança, cabe à escola se responsabilizar para suprir as necessidades de seu aluno (VILLELA, 2013).

Por anos grande parte das horas o aluno passa nos domínios da escola, dessa forma a instituição não pode se abster de promover seu desenvolvimento moral, emocional e psicológico durante todo esse período. Enquanto a atividade intelectual acontece, os aspectos emocionais e psicológicos não ficam em suspensão, dessa forma o conceito de que cabe ao professor apenas ensinar é um equívoco grave, pois retira do aluno parte de suas oportunidades de desenvolvimento (VILLELA, 2013).

É comum ouvir no discurso pedagógico atual a afirmação de que a escola visa promover o desenvolvimento integral da criança e do adolescente, em todos os seus aspectos e conjunto de suas capacidades e potencialidades. Essa ideia entra em contradição com a tese de responsabilidade exclusivamente relacionada ao ensinar que muitos professores defendem (VILLELA, 2013).

A escola é a grande responsável em relação ao aprendizado da criança, sendo que a responsabilidade da família nesse domínio é complementar, em relação a praticamente todos os outros domínios relativos ao desenvolvimento, deve-se admitir uma responsabilidade compartilhada entre escola e família. Cada uma das partes que compartilham a tarefa pode ser cobrada pela falha em sua realização. A falha de uma das duas partes responsáveis pela educação da criança (família e escola) não deve servir de desculpa ou de justificativa para a omissão da outra parte. Essa é uma das principais ideias da concepção da escola significativa (VILLELA, 2013).

O desenvolvimento amplo do aluno só se completa se a instituição tomar para si a responsabilidade pelo desenvolvimento do estudante, principalmente se este não tiver experimentado em sua família um ambiente favorável para se desenvolver. Esse tipo de atitude da escola causa um grande marco na vida de uma criança ou de um jovem, que pode fazer da educação escolar uma de suas mais importantes experiências (VILLELA, 2013).

Pergunta nº 7 - A escola com toda sua equipe inclusive professores, têm motivado você no estudo?

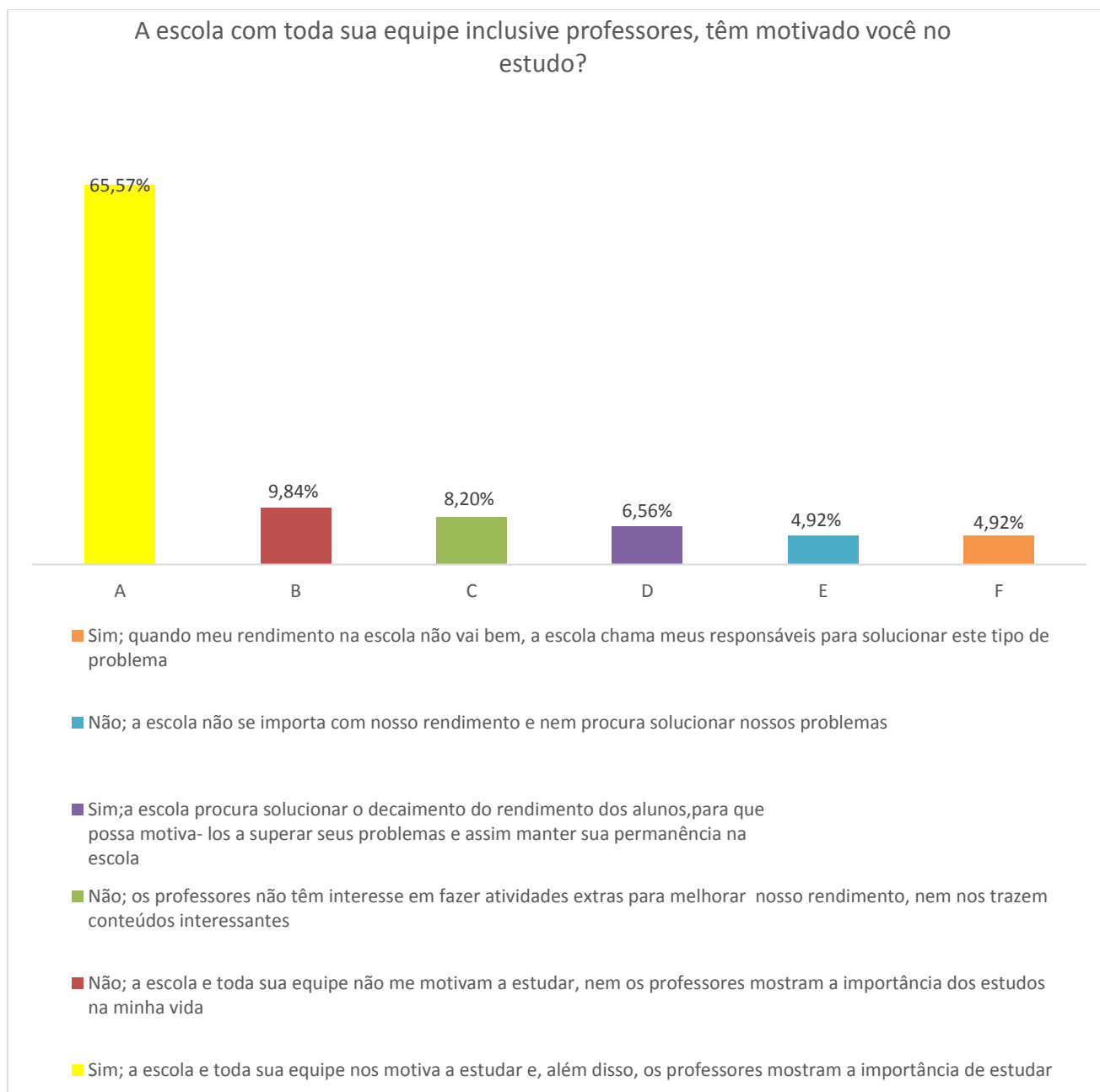


Gráfico 6 – A escola com toda sua equipe inclusive professores tem motivado voce no estudo?

Fonte – Pesquisa de campo.

Quando foi perguntado ao aluno se a escola, equipe e professores os motivam ao estudo, 65,57% afirmaram que a escola os motiva a estudar e os professores mostram a importância dos estudos.

Os alunos declaram que a escola, equipe e professores cumprem com seu papel no compromisso de motivar seus alunos.

De acordo com o que Bzuneck (2001), um fator crucial para o êxito na aprendizagem, é o envolvimento da escola, como um todo. Isto é, necessita-se que todos na escola incluindo professores, a direção e a equipe de apoio pedagógico atuem juntos, na mesma direção (BZUNECK, 2001).

Pergunta n° 8 - O que você acha que seus professores podem fazer para melhorar sua motivação?

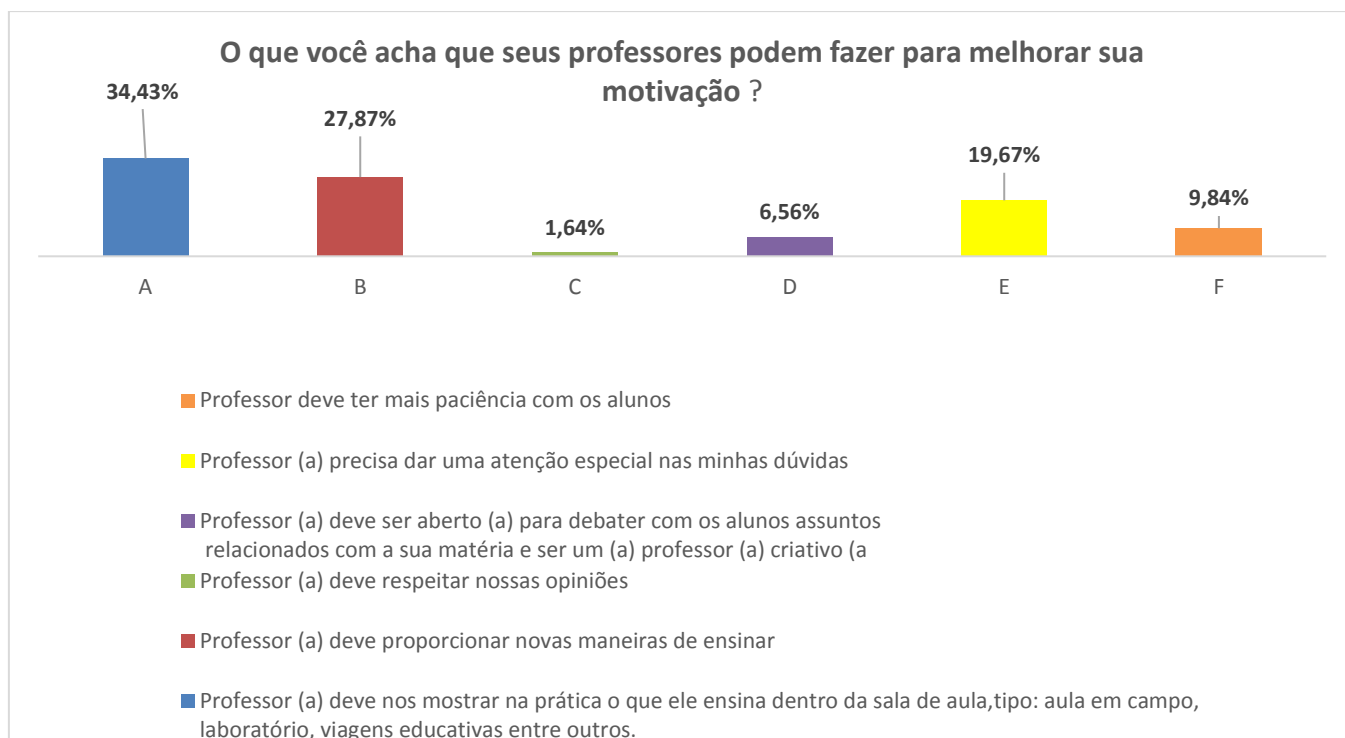


Gráfico 7 – O que acha que seus professores podem fazer para melhorar sua motivação?

Fonte – Pesquisa de campo.

A maior parte dos discentes (34,43%) diz que o professor(a) deve mostrar na prática o que ele ensina dentro da sala de aula e que deveria haver mais aulas em campo, laboratório, viagens educativas entre outros; outra resposta muito assinalada (27,87%) foi a que o professor(a) deve proporcionar novas maneiras de ensinar.

Ao analisarmos essas respostas podemos concluir que as aulas no estilo tradicional despertam menos interesse nos alunos, essa nova geração precisa de novos estímulos para manter-se motivada.

As pessoas nascidas de 1990 a 2010 são denominadas geração Z; “Z” vem de “zapear”, ou seja, trocar os canais da TV de maneira rápida e constante, em busca de algo que seja interessante ou ainda, por hábito. “Zap”, do inglês, significa “fazer algo muito rapidamente” e também “energia” ou “entusiasmo” (TOLEDO, 2012).

Jovens da geração Z, em sua maioria, tiveram acesso à tecnologia desde a infância, e sua maneira de pensar foi influenciada, desde o nascimento, pelo mundo da tecnologia. Diferentemente de seus pais, sentem-se à vontade quando ligam ao mesmo tempo a televisão, o telefone, música e internet (FREIRE, 2008).

Diante disso, a metodologia tradicional tem que ser revisada, levando-se em conta que cada geração tem características diferentes e visa necessidades diferentes (GALENI, 2012).

Como visto, surge a necessidade de os professores buscarem novos caminhos e

novas metodologias de ensino que foquem a interação entre os sujeitos (professor/aluno, aluno/aluno), o protagonismo e a postura crítica e autônoma dos estudantes, a fim de promover efetivamente aprendizagens significativas (DIESEL, 2017).

Com base nesse entendimento, o método ativo é um dos mais indicados pois visa estimular a autoaprendizagem e a curiosidade do estudante para pesquisar, refletir e analisar possíveis situações para tomada de decisão, sendo o professor mediador deste processo (BERBEL, 2011).

De acordo com Paiva et al. (2016), existe ao menos seis benefícios principais das metodologias ativas: o rompimento com o modelo tradicional; o desenvolvimento da autonomia do aluno; o exercício do trabalho em equipe; a integração entre teoria e prática; o desenvolvimento de visão crítica da realidade; e o uso de avaliação formativa.

Há muitas possibilidades para desenvolver metodologias ativas de ensino-aprendizagem, algumas delas são: a estratégia da problematização; a aprendizagem baseada em problemas; a aprendizagem baseada em equipe; o círculo de cultura, além de outros procedimentos que podem constituir metodologias ativas de ensino-aprendizagem, como: seminários; trabalho em pequenos grupos; socialização; mesas-redondas; debates temáticos; oficinas; leitura comentada; apresentação de filmes, entre outras (PAIVA et al., 2016).

Observa-se que todas as alternativas de metodologias ativas colocam o aluno diante de problemas que estimulam o seu potencial intelectual, enquanto estuda para compreendê-los e resolvê-los.

Assim sendo, a forma como os professores planejam suas aulas e as suas estratégias de ensino, se munido de intencionalidade, poderão favorecer o rompimento de uma sequência didática mecânica, em que os alunos permanecem em posição passiva na maior parte do tempo, atitude esta, característica do método tradicional (DIESEL, 2017).

Pergunta n° 9 - O que falta na sua escola para melhorar sua motivação?

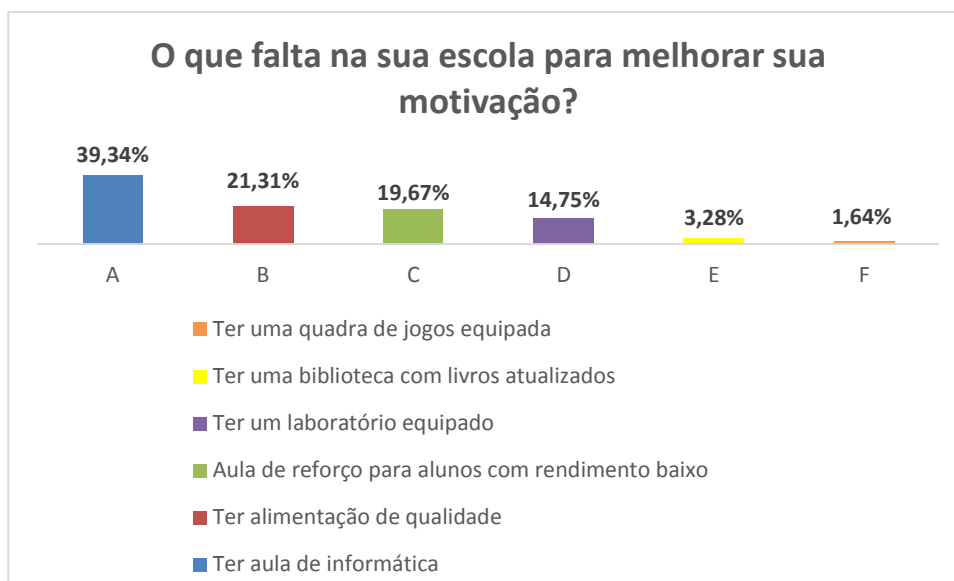


Gráfico 8 - O que falta na sua escola para melhorar sua motivação?

Fonte – Pesquisa de campo

Grande parte dos alunos (39,34%) diz que se sentiriam mais motivados se na escola houvesse mais aulas de informática, seguido de ter alimentação de qualidade (21,31%) e aulas de reforço para alunos com rendimento escolar baixo (19,67%).

Observando a rapidez com a informática foi introduzida na sociedade fica claro que a escola não pode ficar alheia, devendo inserir-se na atualidade lançando mão desse novo recurso, que deve ser utilizado como um grande aliado na construção de conhecimento, tornando a aprendizagem significativa (MORONI, 2010).

A informática deve ser usada para habilitar e oportunizar ao aluno a aquisição de novos conhecimentos, facilitando o processo de ensino - aprendizagem, enfim, deve ser um complemento dos conteúdos curriculares.

A deficiência da infraestrutura nas escolas afeta diretamente a qualidade da educação. Prédios e instalações inadequadas, e a inexistência de bibliotecas, espaços esportivos e laboratórios, são problemas que influenciam diretamente no desempenho dos alunos (SATYRO; SOARES, 2007).

A escola investigada nessa pesquisa possui laboratório de informática, mas, segundo os alunos, este espaço raramente é utilizado. As razões podem ser o medo do professor de perder o controle dos alunos em um ambiente fora da sala, o que atrapalharia o planejamento da sua aula.

A formação do professor no Brasil ainda padece de bases críticas contundentes de forma a otimizar a adoção da metodologia ativa. Muitos educadores se apegaram as metodologias tradicionais, talvez por receio de experimentar novas metodologias ou até mesmo por falta de conhecimento de tais métodos que apresentam melhores resultados no processo ensino-aprendizagem (LOBATO, 2017).

Por esse motivo, deve-se ampliar a discussão sobre a importância das metodologias ativas, para que os professores tomem conhecimento e saiam de sua zona de conforto baseada nas metodologias tradicionais e comece a adotar metodologias mais participativas em suas aulas.

19,67% dos alunos que dizem que se houvesse aulas de reforço se sentiriam mais motivados, o que demonstra que eles tem dificuldades que não são resolvidas pelo professor, e com as dificuldades na matéria vem a desmotivação.

O reforço escolar é uma abordagem complementar e não somente a repetição do conteúdo que não foi aprendido na aula, tampouco das mesmas estratégias, deve-se oferecer ao aluno a oportunidade de combater as próprias deficiências potencializando sua aprendizagem.

Os alunos que participam do reforço escolar têm maior chance de apresentar avanços em sua aprendizagem, pois obtiveram a atenção necessária para desenvolver-se. Muitas vezes o professor não se preocupa com os alunos com nível de aprendizagem baixa e seguem ministrando suas aulas como se eles fossem invisíveis, o que piora a situação, pois as dificuldades são acumuladas e os alunos passam a se ver como incapazes (SILVA, 2009).

O reforço escolar é capaz de resgatar no aluno ,esse que antes não conseguia acompanhar o conteúdo,o desejo de aprender. Cabe a escola, disponibilizar essa oportunidade para os alunos que necessitam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da importância que o tema assume para a educação, esta pesquisa teve como objetivo Identificar os fatores relacionados à motivação dos alunos do ensino fundamental II de uma escola pública na cidade de Cerqueira César-SP, e analisar como esta afeta as relações de ensino e de aprendizagem.

Os resultados revelados por este estudo mostram que a motivação afeta diretamente o desempenho escolar.

De acordo com as análises, grande parte dos alunos da escola, gostam de estudar e a motivação que sentem é devido a intenção de ingressar em uma faculdade futuramente.

Antes do fomento de políticas públicas de incentivo à Educação Superior, os jovens de classe média/baixa não tinham perspectivas de continuarem os estudos após o ensino médio. Após o incentivo estatal, este quadro se alterou e, praticamente, todos os alunos ganharam a esperança de ingressar na universidade, formar-se em um curso superior e ter uma profissão, dependendo apenas da sua dedicação aos estudos.

Isso nos mostra que, juntamente com a expansão do acesso ao ensino superior, houve um aumento da motivação dos jovens para estudar. Dessa forma salienta-se a importância das políticas educacionais continuarem acolhendo esses jovens, para que não haja um impacto negativo em sua motivação. Os dados apontaram também que os pais motivam aos estudos, cumprindo com sua responsabilidade, que é incentivar, acompanhar e participar do aprendizado escolar dos filhos. A equipe escolar e os professores da escola pesquisada também motivam os alunos, o que está de acordo com a ideia-força da escola significativa, que diz que o dever da escola também é o de suprir a necessidade emocional, e se responsabilizar pelo desenvolvimento completo do indivíduo (VILLELA, 2013).

Os dados revelam, de forma contundente, que a afetividade e a mediação são as principais conexões que mobilizam a motivação dos alunos.

O professor é fundamental na construção do conhecimento, mas ele não pode ser visto como o detentor de todo o saber. Seu papel é o de mediar as situações de aprendizagem, de forma a provocar reflexões, despertar o desejo de aprender e contribuir para a construção autônoma do conhecimento. É muito importante que a afetividade esteja presente na relação entre professor e aluno, pois a mediação positiva no contexto escolar é dependente da afetividade, uma mediação negativa além de desmotivar o aluno em determinada área do conhecimento, ainda pode fazer com que se sinta incapaz para aprender e prejudicá-lo ao longo de sua vida.

É de extrema importância que os profissionais da educação obtenham um maior conhecimento acerca da relação entre o afeto e a mediação, para que se tornem

profissionais conscientes de que não existe uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois os alunos não deixam os aspectos afetivos que compõem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando estão aprendendo os conteúdos escolares.

De modo geral, os alunos demonstraram uma insatisfação muito grande com as metodologias de ensino utilizadas nas relações de ensino-aprendizagem e destacam que para se sentirem mais motivados seria necessário uma mudança nesse aspecto.

A desmotivação ocorre, dentre as razões, quando o aluno não identifica a relevância dos objetivos propostos e grande parte dos objetivos de ensino da escola tradicional tem sido apontada como irrelevante, do ponto de vista do aluno, o que, certamente, colabora para sua desmotivação.

Uma das formas de minimizar essa desmotivação seria a adoção de metodologias ativas, mas justamente nelas se encontra grande parte da dificuldade do trabalho do professor que, muitas vezes, não tem as condições de trabalho adequadas tampouco disponibilidade de recursos materiais como data show, laboratórios e salas de informática oferecidos pela escola.

A falta de conhecimento sobre metodologias atualizadas também impede o professor de testar as mesmas, isso poderia ser resolvido oferecendo aos professores cursos de formação continuada, onde eles possam ter a oportunidade de conhecer novas metodologias educacionais e refletir, coletivamente, sobre o efeito destas nas relações de ensino-aprendizagem.

Azevedo (2015) aponta para a importância da formação continuada, ele diz que a formação continuada deve ser parte do processo de formação ao longo da carreira, pois acompanhar pesquisas, produções teóricas, realizar novos cursos, inovar práticas pedagógicas, constituem procedimentos que complementam a formação inicial, e que esta deveria estar presentes, para suprir distanciamentos teórico/práticos/metodológicos, decorrente da produção de novos conhecimentos nas mais diversas áreas, em resposta às demandas econômica, social, tecnológica e cultural da humanidade (MAGALHÃES, 2015).

É fato que as políticas educacionais mais recentes estão submetendo a profissão docente à sua precarização e desvalorização, em decorrência dos baixos salários, condições de trabalho, desmotivação e desprestígio social (OLIVEIRA, 2004). Dessa forma, para que o professor exerça devidamente a sua função e favoreça a motivação de seus alunos, ele deve ter apoio estrutural e pedagógico por parte dos gestores públicos, além de políticas educacionais que, assim, apoiem-no.

Além disso, para que o ambiente escolar esteja comprometido com o sucesso do aprendizado do aluno é necessário que haja uma reflexão coletiva do corpo docente, e

de todos que estão envolvidos direta ou indiretamente no contexto escolar, o que só poderá se concretizar por meio de um projeto político pedagógico (PPP) bem planejado e construído com a efetiva participação da comunidade escolar, para tanto, são necessárias estratégias e iniciativas que viabilizem espaços coletivos, pois o processo de elaboração do PPP tem, em sua essência, a práxis e o diálogo.

Diante disso, é necessário utilizar espaços como o do conselho de Classe, conselho escolar e o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) como um espaço onde os docentes tenham liberdade e possam exercer o princípio da autonomia, em que reflitam e organizem o processo educativo baseado nas necessidades da escola, como também sejam ouvidos e acolhidos, como parte integrante dos processos decisórios. Destarte, com o esforço de todos os envolvidos, torna-se mais provável a construção de uma escola significativa.

Conforme os resultados revelam, a motivação para aprender é um desafio a ser enfrentado nas relações escolares e, de modo mais amplo, pela sociedade, na figura do Estado, tendo em vista que esta não pode ser ensinada e nem treinada, mas sim provocada, ou seja, descobrir maneiras de motivar os alunos, torna-se uma exigência para o campo educacional.

6. REFERÊNCIAS

ALCARÁ, A.R. **A Instrumentalidade como uma estratégia motivacional**. Psicologia Escolar Educacional. P. 177-178. 2007.

AZEVEDO, L. C. S. S.; MAGALHÃES, L. K. C. de. **Formação Continuada e suas implicações: entre a lei e o trabalho docente**. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 95, p. 15-36, jan.-abr., 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n95/0101-3262-ccedes35-95-00015.pdf>>. Acesso em 27 Set. 2019.

BAUMEISTER, Roy; Leary, Mark. **The Need to Belong: Desire for Interpersonal Attachments as a Fundamental Human Motivation**. Psychological bulletin.1995.

GUIMARÃES, S. E. R.; BORUCHOVITCH, E. **O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria de autodeterminação**. Psicologia Reflexiva Critica, Porto Alegre, v.17, n.2, p.143-150, 2004.

BZUNECK, J.A ; BORUCHOVITCH, Evely. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno: Aspectos introdutórios**. In E. Boruchovitch, & J. A. Bzuneck (eds.). A motivação do aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea (pp. 9-36). Petrópolis: Editora Vozes (2001).

BORUCHOVITCH, E.; Bzuneck, J. A.; Guimarães, S. E. R. (orgs.). **Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010

BORUCHOVITCH, E. **Algumas estratégias de compreensão em leitura de alunos do ensino fundamental**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.) [online]. 2001

BRASIL. 1996. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm. Acesso em: 13 Nov.2019.

BRASIL 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente** - Lei Federal 8069/1990. Brasília: Diário Oficial da União.

Brasil (2005). **Decreto 5598/2005**. Brasília: Diário Oficial da União.

BERBEL, Neusi. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes**. Semina Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32 , n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326/0> Acesso em : 06 Nov.2019

CARVALHO, Marco Antonio; MARTINI Bruno Vinicius. **A motivação para o trabalho com enfoque no aspecto financeiro**. XII I SIMPEP – Bauru, SP, 6 a 8 de novembro de 2006. Disponível em: http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_13/artigos/670.pdf Acesso em: 15 Ago. 2019

CORREIA, Maria do Rosário Amaral Miranda. **O IMPACTO DA DESMOTIVAÇÃO NO DESEMPENHO DOS PROFESSORES**. Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.2012 Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/11906/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%3>

20Final%20-%20Ros%C3%A1rio-.pdf . Acesso em: 05 Ago 2019

CUNHA, Eleotério Márcio. **Motivação no contexto escolar e na formação de professores: uma perspectiva da teoria da autodeterminação**. X ANPED SUL, Florianópolis.2014.Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/295-1.pdf Acesso em: 25 Ago. 2019

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papyrus, 1999.

DECI, E. L. **Intrinsic motivation, extrinsic reinforcement and inequity**. Journal of Personality and Social Psychology, 22(1):113-20, 1972. Disponível em: https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/1972_Deci_JPSP.pdf Acesso em: 10 Out.2018

DECI, E. L.;RYAN, R. M. The “what” and “why” of Goal Pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. Psychological Inquiry, 2000. Disponível em: https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2000_DeciRyan_PIWhatWhy.pdf Acesso em: 13 Nov.2018

DECI, E.L; RYAN, R.M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behaviour**. New York: Plenum.1985

DIESEL, A; BALDEZ, A. L. S; MARTINS, S. N. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema, Lajeado, v. 14, n.1, p. 268-288, 2017. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/404/295>>. Acesso em: 06 de Nov. de 2019.

FREIRE Filho, J. ; LEMOS, J. F. **Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomiaaconsumo/article/view/5293/4848>> . Acesso em: 05 Nov. 2019

GALANAKI, E. P. **Academic intrinsic motivation and perceived academic competence in greek elementary students with and without learning disabilities**. Learning Disabilities Research e Practice, 24(1).2009.Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229753417_Academic_Intrinsic_Motivation_and_Perceived_Academic_Compentence_in_Greek_Elementary_Students_with_and_witho_ut_Learning_Disabilities Acesso em: 10 Mar. 2019

GALENI, Cintia. **A percepção da geração z sobre a metodologia da Educação a distância**. Anuário da produção acadêmica docente.2012

GOMES, E. D.; MICHEL, M. **A motivação de pessoas nas organizações e suas e suas aplicações para obtenção de resultados**.Revista Científica de Administração. n. 13, 2007. Disponível em: <http://www.revista.inf.br/adm13/pages/artigos/ADM-edic13-anovii-art05.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018

GUIMARÃES, S. E. R.; BZUNECK, J. A. **Propriedades psicométricas de um instrumento para a avaliação da motivação de universitários**. Revista Ciências e Cognição v.13, n.1, p.101-113 – publicado on line em 31/mar. 2008 Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v13/m318210.pdf> Acesso em: 03 Abr. 2019

HERSEY, Paul; BLANCHARD, Kenneth. **Psicologia para Administradores**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária. 1986.

ILHÉU, Taís. **Governo prevê mais cortes para o MEC em 2020**. Guia do Estudante. 2 set. 2019. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/governo-preve-mais-cortes-para-o-mec-em-2020/> Acesso em: 26 Out.2019

LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CARMO, Carlos Roberto Souza. **Teoria da autodeterminação: uma análise da motivação dos estudantes do curso de ciências contábeis**. Rev. contab. finanç. 2012 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-70772013000200007&lng=en&nrm=iso&tIng=pt Acesso em: 14 Jun.2019

LEITE, Nádia Maria Beserra. **Síndrome de Burnout e relações sociais no trabalho : um estudo com professores da educação básica**. 2007. 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponívem em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3261/1/2007_NadiaMariaBeserraLeite.PDF Acesso em: 20 Out.2019

LEITE, S. A. **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Temas em psicologia, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf> Acesso em: 10 Nov.2019

LIMA, Liliana Correia de. **Interação família-escola: papel da família no processo ensino-aprendizagem**.2009.Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2009-8.pdf. Acesso em: 02 set. 2019.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva and TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. **A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.) [online]. 2005

LIMA, I. C. dos S; CARVALHO, M. V. C. **Os significados e os sentidos do mal-estar docente na voz de uma professora de início de carreira**. Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 16, n. 2,p. 295-312, 2013. Disponível em:<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/5212>> Acesso em: 22 Set. 2019.

LIMA, F. et al. **Síndrome de Burnout em residentes da Universidade Federal de Uberlândia** - 2004. Editora Med. 2007.

LOBATO;Caio. **O Uso das Metodologias Ativas no Processo Educacional**.Portal da psicologia.2017.Disponível em: <https://portalpsicologia.com.br/artigos/o-uso-das-metodologias-ativas-no-processo-educacional> Acesso em: 08 Nov.2019

LOURENCO, Abílio; ALMEIDA, Maria Olímpia. **A motivação escolar e o processo de aprendizagem**. Ciênc. cogn., Rio de Janeiro , v. 15, n. 2, p. 132-141, ago. 2010 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000200012&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 21 Set. 2019

MARTINELLI, S. C.; GENARI, C. H. **Relações entre desempenho escolar e orientações motivacionais**. Estudos em Psicologia, Natal, v. 14, n. 1, p. 13-21, 2009.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v14n1/a03v14n1.pdf> Acesso em: 22 julh.2019

MORALES, Marcia de Lourdes. **O Desinteresse dos Alunos pelos Estudos: Uma Intervenção Pedagógica.** Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola, VII. Paraná, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_ped_unioeste_marciadelourdesmoraes.pdf Acesso em : 28/10/2019

MOREIRA, Marcos Antonio. **Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos.** 3 ed. São Paulo: Moraes, 1994

MORONI, Nediane Fabrisio. "A informática como parceira do professor e do aluno na construção do conhecimento." (2010). Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2737/Moroni_Nediane_Fabrisio.pdf?sequence=1 acesso em: 12 Out.2019.

NASCIMENTO, E.E.G; OLIVEIRA, F.S.M. **O papel da família no processo de ensino-aprendizagem numa turma do 2º ano de ipojuca/pe.** Anais do 16º Congresso Internacional de Tecnologia na Educação. Recife. 2017 Disponível em: <http://www.pe.senac.br/congresso/anais/2018/senac/pdf/poster/O%20PAPEL%20DA%20FAM%C3%8DIA%20NO%20PROCESSO%20DE%20ENSINO-APRENDIZAGEM%20NUMA%20TURMA%20DO%202%C2%BA%20ANO%20DE%20POJUCAPE.pdf> Acesso em: 24 Ago.2019

NOGARO, A.; ECCO, I.; RIGO, L. **Aprendizagem e fatores motivacionais relacionados.** Revista Espaço Pedagógico, v. 21, n. 2, 23 set. 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Aline/Downloads/4309-Texto%20do%20artigo-14628-3-10-20140924%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Aline/Downloads/4309-Texto%20do%20artigo-14628-3-10-20140924%20(1).pdf) Acesso em: 16 Jun.2019

O DECLÍNIO do Fies e a realidade vivenciada pelas Universidades. Inovamo, Mai. 28, 2019. Disponível em: <https://www.inovamo.com.br/single-post/2019/05/28/O-decl%C3%ADnio-do-Fies-e-a-realidade-vivenciada-pelas-Universidades> Acesso em: 26 Out.2019

OLIVEIRA, D. A. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set/ dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614>> Acesso em: 22. Set. 2019.

OLIVEIRA, C.B.E. **A relação família-escola: intersecções e desafios.** Estud. psicol. (Campinas) vol.27 no.1 Campinas Jan./Mar. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012 Acesso em : 08 Nov.2019

PAIVA, Marlla Rúbya; PARENTE, José Reginaldo; Brandão, Israel Rocha; Queiroz, Ana Helena. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa.** SANARE-Revista de Políticas Públicas, Sobral, v. 15, n. 2, p. 145-153, jun./dez. 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049> Acesso em : 20 Out.2019

PINTRICH, P. R. **A Motivational Science Perspective on the Role of Student Motivation in Learning and Teaching Contexts.** Journal of Educational Psychology, 95(4), 667-686.2003 Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/1907/3c567d6c0bb4c9034bface4794ff5f1d5315.pdf> Acesso em: 17 Jun.2019

REEVE, J. **Teachers as facilitators: what autonomy-supportive teachers do and why their students benefit.** The Elementary School Journal, 106 (3),225-237. 2006 Disponível em: <https://docplayer.net/26022179-Teachers-as-facilitators-what-autonomy-supportive-teachers-do-and-why-their-students-benefit.html> Acesso em: 20 Ago.2019

REEVE, J. **Why teachers adopt a controlling motivating style toward students and how they can become more autonomy supportive.** Educational Psychologist,Hillsdale, v. 44, n. 3, p. 159–175, 2009. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Why-Teachers-Adopt-a-Controlling-Motivating-Style-Reeve/fa510051d7c33ff97714a7818e34af88c64a0aa2> Acesso em: 14 Jul.2019

REINHOLD, H. H. Burnout. In: LIPP, M. E. N. **O stress do professor.** Campinas: Papyrus, p. 63-80. 2002.

RIBAS, P. A. V. **De Pavlov a Freud, do condicionamento ao desejo: as pequenas-grandes diferenças no aprender.** Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, Natal, Rio Grande do Norte, 1999. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/20/st/s/s133.pdf> Acesso em: 03 Set.2019

RIBEIRO, Filomena. **Motivação e aprendizagem em contexto escolar.** PROFFORMA Nº 03 – Junho 2011. Disponível em: http://cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_05_03.pdf Acesso em: 05 abr. 2019

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** 5. Ed São Paulo: Martins, 2001.

ROSA, Jorge de La. **Motivação e Aprendizagem. In: Psicologia e educação: o significado do aprender.** 7.ed. - Porto Alegre: EDIUPUCRS. Cap.8, p.169-188. 2003

SATYRO, Natália; SOARES, Sergei. **A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005.** Brasília: IPEA, 2007. Disponível em: http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1267.pdf Acesso em: 23 Out. 2019

SILVA, Daniella Neves da. **A desmotivação do professor em sala de aula, nas escolas públicas do Município de São José dos Campos - Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. (Especialização em Gestão Pública Municipal).** Universidade Tecnológica Federal do Paraná. CURITIBA-PR, 2012. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1822/1/CT_GPM_II_2012_87.pdf Acesso em: 15 Jun.2019

SILVA Marli; WELTER Wendt, Guilherme; ARGIMON, Iracema De Lima. **A teoria da autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade.** Psicol. rev. Belo Horizonte.v.16 ago.2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 julh. 2019.

SILVA, Carla Priscila Alves da. **O reforço escolar e a melhoria da aprendizagem dos educandos.**2009 Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/o-reforcoescolar-ea-melhoria-da-apendizagem-dos-educandos-1290785.html> Acesso em : 14 out. 2019.

SILVA, Gerusa Barbosa. **O papel da motivação para aprendizagem escolar.** . Monografia (Especialização em Fundamentos de Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares)- Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9644/1/PDF%20-%20Geruza%20Barbosa%20da%20Silva.pdf> Acesso em: 12 set.2019

SILVA, João Paulo Saraiva; SILVA, Francisco Klébio Monteiro da; PINHEIRO, Danilo Silva, R. D. M.; TRINDADE, Z. A. **Adolescentes aprendizes: aspectos da inserção profissional e mudanças na percepção de si.** *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2030/203027936008.pdf> Acesso em: 14 out. 2019

SILVA, João Paulo Saraiva; SILVA, Francisco Klébio Monteiro da; PINHEIRO, Danilo Almeida ALMEIDA, Érica Antônia Dantas. **A desmotivação escolar sob o ponto de vista da sociologia.** Encontro de iniciação à docência UEPB. editora realize eniduepb. 2015 Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO_EV043_MD1_SA14_ID1785_31072015154028.pdf Acesso em : 14 Mai. 2019

Skinner, B. F. (1998). **Ciência e comportamento humano.** 10. ed. Tradução de J. C. Todorov e Rodolpho Azzi. São Paulo: Martins Fontes, 1998 Disponível em: <https://psicologiadoespírito.files.wordpress.com/2016/11/cic3aancia-e-comportamento-humano-b-f-skinner.pdf> Acesso 15 Ago. 2019

SOUZA, Davisson Charles Cangussu; VAZQUEZ, Daniel Arias. **Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho.** *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 409-426, Jun 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000200409&lng=en&nrm=iso. acesso em: 13 out. 2019.

TATTO, F; SCAPIN, I.J. **Matemática: Por que o nível elevado de rejeição.** Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/245/447> Acesso: 23 Set. 2019

TOLEDO, Priscilla Bassitt Ferreira. **O Comportamento da Geração Z e a Influência nas Atitudes dos Professores.** IX Simpósio de excelência e tecnologia. 2012. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/38516548.pdf> Acesso em: 05 Nov. 2019

VILLELA, Fabio; ARCHANGELO, Ana. **Fundamentos da escola significativa.** Ed. Loyola, São Paulo, 2013.